

LITERATURA E EXCLUSÃO SOCIAL: FLASHES EM CIRCUITO

Ivete Lara Camargos Walty
PUC Minas

Em “Teses sobre o conto”, Piglia¹ postula que “um conto sempre conta duas histórias”. Discutindo as formas sob as quais isso ocorre, mostra que Borges teria feito da construção cifrada da segunda história o tema principal dos contos, reproduzindo “a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta”. Citando Rimbaud, fala de: “A visão instantânea que nos faz descobrir o desconhecido, não numa longínqua terra incógnita, mas no próprio coração do imediato”, e conclui que “Essa iluminação profana se transformou na *forma* do conto”.

Lendo os mini-contos de Fernando Bonassi, no livro *Passaporte (relatos de viagem)*², perguntei-me sobre essa questão das duas histórias discutidas por Piglia, tendo como referencial uma outra questão que ora move minhas reflexões: configurações do excluído na narrativa urbana. Dessa forma, meu próprio texto se articularia a partir de duas histórias: a literária e a político-social. Observe-se, no entanto, que essa dualidade, em qualquer um dos casos, merece ser mais discutida, dada a complexidade que envolve.

O livro, à moda de um passaporte oficial brasileiro, agrupa 137 textos, com 10 a 15 linhas, que, na verdade, correspondem à metade de uma linha em lauda normal. São, pois, mini-textos, datados, porém não linearmente, que, em primeira instância, referem-se a um espaço determinado. Tempo e espaço são, no entanto, relativizados, de forma a que estes textos apresentem-se como nós de uma rede viária, podendo ser lidos em qualquer ordem; não há centros ou hierarquias.

¹ PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. *Respiração artificial*. Trad. H. Jahn. Rio de Janeiro: NAU, 1987.

² BONASSI, Fernando. *Passaporte* (relatos de viagem). São Paulo: Cosac & Naify, 2001. Todas as citações seguidas do número de página referem-se a esta edição.

Em virtude do que se quer privilegiar, busquei analisar mais detidamente os contos que se ambientam nas grandes cidades brasileiras, o que não significaria deixar de lado os outros, ocultando faces fundamentais de viagens metafóricas e literais e histórias transnacionais. Ocorreu, no entanto, que a tentativa de se separarem os contos ambientados no Brasil, e mais especialmente nas grandes cidades, foi malograda em função da radiação que caracteriza os textos, marcados por elementos que, como em curto-circuito, se conectam intermitentemente.

Não por acaso, o primeiro texto chama-se “radial leste” e fala de mortes anônimas, mortes estas que constroem um vetor de leitura, que, paradoxalmente, impossibilita a separação entre cidade e campo, Brasil e outros países, complicando minha proposta de leitura. Vale lembrar a força contida na palavra “radial”: aquilo “que emite raios”, “que é análogo a um raio”. Apesar da precisão técnica da palavra no contexto urbanístico, em sua referência a uma via que vai do centro à periferia, não se pode deixar de lado a idéia de irradiação de luz e energia, o que ressalta a significação de rede, de processo em curso.

Assim, a estrada/vetor abre-se tanto para Jiparaná, no Brasil, como para Munique, na Alemanha, tanto para o momento atual como para a história da colonização, tempos e espaços que, na verdade, não se opõem, mas se iluminam. O morto anônimo é ora o índio desdentado ou corno, ora o moleque alemão que morre vítima do “snow board” ou o polonês, vítima da história. Seriam todos protagonistas de histórias de colonização, histórias de crucificação, que, como se vê pelo título, se irradiam pelo livro/mundo.

O grotesco é elemento comum em diversos segmentos, seja em “a besta humana” (109) em que a servente da escola, que “foi andar na linha de trem” “estourou como um balão”, seja na imagem dos cães suicidas do segmento (019). Os olhares deslocam-se por espaços e tempos

diferentes, possibilitando a indagação: seriam todos crucificados como os mortos da Radial Leste (001), anunciados nas cruzes sem nome?

A imagem da morte configura-se, por vezes, na do fogo que, como no caso das queimadas tão costumeiras no norte e no centro-oeste, atinge desde “os motoristas e os habitantes da cidade”, que “voltam logo depois, trazendo seus corpos inflamáveis (...) (Coxim, 1987), até as “galinhas ensangüentadas que corriam como tochas pela paisagem”. A densidade da fumaça ocorre, mais que no plano do enunciado, na construção narrativa, também ela oscilante entre a opacidade e a iluminação, assim como o “cogumelo de fumaça negra, (que) “brotou da estrada ao longe” (028) não difere do cogumelo radioativo em Hiroshima. Tudo são “paisagens com galinhas queimadas”.

A estrutura reiterativa das narrativas promove a troca dos sujeitos/objetos desnomeados, que, se resto, referem-se a vivências comuns na sociedade atual. O corpo fragmentado, marcado, é, pois, figura reiterada nas narrativas também fragmentadas, seja na descrição de cadáveres brasileiros, seja na exposição do corpo objeto, desvestido de humanidade, através da referência à ausência de dor característica da família da personagem Pietro, em Praga. Desfeito nos elementos que o compõem ou naqueles que excreta, o corpo, exibido em seus deslimites, não se faz fator de identidade humana, como “uma porção de espaço, com suas fronteiras, centros vitais, defesas e fraquezas, sua couraça e defeitos”, conforme mostra Marc Augé³, ao falar do papel do corpo em sociedades tradicionais. Ressalte-se, em alguns casos, a intermediação da mídia, no processo repetidor, misturando realidade e ficção, gente e bicho, loucura e sanidade.

³ AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. M. Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994, p. 59.

A sujeira é outro vetor de leitura ligado ao da morte e do corpo em decomposição, que coloca em causa o caráter humano. Vale lembrar José Carlos Rodrigues⁴, quando ressalta a analogia entre morte e lixo e entre este e a idéia de ameaça à ordem, já tão estudada por outros antropólogos. No texto “turismo ecológico” (003), tal idéia vem associada ao processo de colonização em seu aspecto de limpeza e ordem: “Os missionários chegaram e cobriram das selvagens o que lhes dava vergonha. Depois as fizeram decorar a ave-maria, a manter a higiene, e lhes arranjaram empregos nos hotéis da floresta, onde se chega de uísque em punho.” (Cuiabá, 1995). Mas, à revelia do controlador, os resíduos voltam e se instalam na “nova civilização”, em forma da mistura de corpos, da troca das secreções corporais, como na referência ao “fato de as índias começarem a deitar-se com os hóspedes”. Corpo e lixo associam-se definitivamente nos fetos abortados que deixam o rastro da morte como a cana das usinas.

O modelo de colonização vai sendo, paradoxalmente, relativizado e ratificado. Por isso mesmo, a figura indígena é personagem de vários textos, em que se estabelece um jogo de espelhos bastante desvelador. Em “índios aprendem depressa” (015), a reiteração do sujeito índios, nas frases de ações enfaticamente repetidas, evidencia a força irônica do que seria a civilização em sua força prostituidora: “mas os índios aprendem depressa e, se antes davam suas filhas de presente, agora começam a cobrar por isso.”

Um outro contraponto desse jogo civilizatório e seu ritual antropofágico é o segmento 087, “breve relatório de uma recepção inesquecível”, em que, pelo mesmo sistema de repetição enumeratória, há referências a um mundo de “outros caciques”, marcado por produtos de consumo de várias partes do mundo: “copos da Boêmia”, ‘sachê de Issey Mac-Queen”, “alças dos Victoria Secret” ou charutos cubanos. Várias histórias podem ser lidas nesse pequeno fragmento feitos de fragmentos, todos eles marcados pelo movimento antropofágico. Assim,

⁴ RODRIGUES, José Carlos. Higiene e ilusão: o lixo como invento social. Rio de Janeiro: NAU, 1995, p.

descrevendo-se índios, operários, metalúrgicos, executivos, traficantes ou macumbeiros, descrevem-se mecanismos de sistemas político-sociais e econômicos pautados pelo canibalismo, de corpos, força de trabalho ou desejos. Daí a idéia de ritual, sempre evocada, como se vê no texto (055) que tem como título: “ritos de passagem”, em que a personagem transita entre a identidade xavante e a que lhe fora conferida na civilização. A busca de reinserção em seu meio, através do ritual em que se fica “um dia inteiro com o braço direito no tronco cheio de formigas”, num movimento de aproximação com as feras, mostra que, na verdade, muitos são os rituais e muitas as feras, pois tudo são passagens, tudo são escatologias

Vários são os textos que levam no título a expressão natureza-morta, associando a forma pictural à realidade social brasileira, que, à maneira de aquarelas ao avesso, exibem-se ao leitor/espectador. Em “natureza morta com tamanduateí (071)”, os trocadilhos, não sutis, ressaltam a mistura que vem caracterizando a narrativa móvel, que, por sua vez, quer-se metonímia da “América latrina”, poço de detritos, orgânicos e inorgânicos, de sujeitos e objetos. Se se fica apenas em um plano, explicita-se o caráter de alegoria tradicional, em que uma história conta outra, em que um quadro exhibe outro, o que, de resto, é desvelador da realidade brasileira. Se, no entanto, continua-se a leitura, vê-se que os mecanismos de salvação, políticos ou religiosos, são invalidados e o lixo é a matéria por excelência, do texto e da sociedade. E é esse lixo que impede o olhar dicotômico, com que geralmente a sociedade pede para ser lida: de um lado os pobres, sujos, ameaçadores; de outro, as pessoas de bem, responsáveis, honestas, respeitáveis.

Em “natureza morta com são paulo” (051), o sistema de enumeração deixa à vista a impossibilidade de saída. “Gatos com ratos mortos na boca. Ratos mortos com formigas na boca. Crianças chorando abertamente. Homens-feitos chorando escondidos. (...)”. A idéia de continuidade, acentuada pelo uso do gerúndio e da preposição com, estranhamente, leva à idéia

de fim, através, sobretudo, da repetição do advérbio de negação nem: “Nem pomada. Nem foda. Nem droga. Nem preguiça. Nem um saco de lixo pra chutar.” O lixo não está armazenado em sacos, mas espalhado, exibindo-se.

É interessante observar que, como postula Rodrigues⁵, haveria “uma espécie de grade, espalhada sobre o mundo, estabelecendo nele diferentes domínios, lotes, territórios, que, saídos de uma indistinção original”, passariam a significar “por contrastes recíprocos”. Dessa forma, os elementos intersticiais da grade seriam “coisas que desafiam o sistema de classificação, por estarem sobre uma linha de separação de categorias ou por serem passíveis de enquadramento simultâneo em duas ou mais delas”. Por essa linha de raciocínio, como bem mostra De Certeau⁶, esses espaços marginais, vistos como sujos e ameaçadores, guardariam novas formas de vida, outros sistemas possíveis. Ocorre que, nas narrativas em questão, o lixo está em trânsito, o espaço está em movimento, são rios, estradas e estações, “não-lugares”, na acepção de Marc Augé.

Vale, então, nos perguntar como se situam aí elementos escatológicos e cosmogônicos e se a narrativa, em lugar de ritual de purificação, agiria como um desmanche do ritual. Dito de outra forma, a narrativa, antes de se colocar como ritual renovador, criando cosmos, mostra-se como caos. Como o próprio corpo/entroncamento, “os relatos de espaço” iriam além do que postula De Certeau, na medida em que não apenas contaminam a malha, mas a desfiam, ou deixam ver seu desfiado, evidenciando que não apenas os limites são sujos. Assim, do ponto de vista dos olhares textuais, desmancha-se a lógica binária descrita por Rodrigues: uma sociedade higienizada é uma sociedade hierarquizada e quanto mais do centro do poder, mais distante da sujeira, e quanto mais periférico em relação ao centro, tanto mais íntimo com a sujeira. É que,

⁵ RODRIGUES, Op. cit. p.75.

⁶ DE CERTEAU, M. *Invenção do cotidiano I*. Artes de fazer. Trad. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

como ele mesmo diz, o conceito de sujeira não é unívoco, mas plural. E a narrativa de Bonassi vem utilizando essa pluralidade, relativizando dicotomias.

A comparação de mais alguns contos pode ser útil na ratificação do desmanche das fronteiras. “os farofeiros” (083) e “Supermercado”, como os títulos já indicam, descrevem cenas comuns no dia-a-dia brasileiro, evidenciando, no entanto, que a imersão de uns na sujeira faz emergir os cacos e os detritos do todo, pondo em causa sua identidade. Através do sexo, do alimento e dos dejetos, um corpo iguala-se a outro, e, num movimento de tanatologia, transpõe as linhas demarcatórias do limpo e do sujo, do civilizado e não-civilizado. Por isso mesmo, também relatos do que se passa na Alemanha, como “merda e pessoas I” e “merda e pessoas II” evidenciam o desmanche de fronteiras do corpo e do texto, realçando-os como produtores de sujeira, tanto quanto o justiceiro e suas unhas sujas de sangue ou as vítimas que buscam um pronto-socorro em um sábado à noite (096), no meio do sangue esvaído, do xixi a ser enxugado. Os espaços e os corpos se fundem na dor em suas inúmeras faces, deixando ver que as regras que os regem são as mesmas.

A já tão desgastada expressão “brasil, país do futuro” (048), que dá título a outro conto, esfacela-se na enumeração caótica dos acessórios dados como modernos: marcapasso, microship, celular e cocaína. Os portões sofisticados se abrem para dar passagem à encomenda: “O homem entra, acompanhado pelas câmaras do circuito interno de TV até a porta de casa. A encomenda, 80% de pureza, chega 10 minutos depois.” A impureza do pó exhibe a impureza do sistema em suas várias facetas, desvelando o que há também detrás dos muros.

Nesse sentido, há que se realçar que o fato de as narrativas se contaminarem, aproximando tempos e espaços diversos, não tem a propriedade de isentar responsabilidades, aliviando a consciência do leitor. A configuração móvel dos espaços não os iguala, o que seria simplificador e idealizador. As paisagens desenhadas nos textos e pelos textos, a despeito dos

vetores em interação, permitem-nos vislumbrar processos sócio-políticos, mapeando cultura e poder, como propõe Sharon Zukin⁷, em sua discussão do conceito de paisagem. Mas quando a autora propõe que à mobilidade social corresponde maior poder, assim como Rodrigues afirma que o poder se situa longe da sujeira, a referência é um mundo mapeado do ponto de vista da organização social vigente. O que os contos de Bonassi evidenciam é o embaralhamento de tais equações, já que a sujeira estaria em constante deslocamento, atingindo as áreas de poder constituído.

Nesse sentido, vale lembrar Vera da Silva Telles⁸, quando, usando o conceito de paisagem utilizado por Flora Sussekind⁹, discorre sobre a naturalização da pobreza no Brasil, afirmando que “a pobreza é encenada como algo externo a um mundo propriamente social. Fruto de exclusões múltiplas, parece armar um cenário no qual desaparece como problema que diz respeito aos parâmetros que regem as relações sociais”. E continua: “Como paisagem, essa pobreza pode provocar a compaixão, mas não a indignação moral diante de uma regra de justiça, que tenha sido violada.”¹⁰

Embora a autora esteja falando de uma época anterior a que ora se analisa, sua postura nos ajuda a refletir sobre o movimento contrário a este, realizado pelos textos de Bonassi. Se, “transformada em paisagem, a pobreza é trivializada e banalizada”, isentando-nos de responsabilidade individual ou coletiva, ao ser exibida como paisagem através de um recorte textual, leva a banalização às últimas consequências, de modo a irradiar suas próprias fraturas e as do sistema que as gera. Observe-se que tal mecanismo é o mesmo que já se registrou nas diversas “naturezas mortas”.

⁷ ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, p.205 – 219, 1996.

⁸ TELLES, Vera da Silva. *Pobreza e cidadania*. São Paulo: Editora 34, 2001.

⁹ SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Schwarz, 1990.

¹⁰ TELLES, Op. cit. p.32

Não é sem razão, pois, que os segmentos 131 e 132 não oferecem grandes variações das paisagens que descrevem, intituladas urbanas, no primeiro, e suburbanas, no segundo. Os seres, desnomeados na grande cidade, marcam-se paradoxalmente pela presença de uma carteira de identidade e a impossibilidade de volta às origens. Acentue-se ainda a idéia de silêncio, marcando a ausência da identidade diante de uma força maior.

Observe-se que os textos de Bonassi acabam por desvelar a realidade a que se refere Vera Telles: “os pobres são aqueles que não têm nome, não têm rosto, não têm identidade, não têm interioridade, não têm vontade e são desprovidos de razão”.¹¹

Esse caráter anônimo é reforçado na referência aos lugares de trânsito intenso, mas justamente aí extrapola-se o ambiente que seria circunscrito ao pobre, ao excluído, colocado ao lado de outros, em seu constante caminhar. Vale lembrar mais uma vez Marc Augé¹², quando ressalta que “a mediação que estabelece o vínculo dos indivíduos com o seu círculo no espaço de não-lugar passa por palavras, até mesmo por textos”. Do texto estereotipado e prescritivo que dirige o olhar do viajante, Bonassi elabora outros textos, que, como *outdoors*, atraem o olhar do viajante/leitor, incitando-o a deter o olhar e fazer interpenetrar lugares e não-lugares, anonimato e identidade.

Nesse sentido, à enumeração caótica das pessoas na rodoviária (segmento 135) associam-se as malas como lugar da memória ou da desmemória, o que fica mais evidente, no texto em que estas são personagens, “malas” (035). Aí malas são metonímias de pessoas e estas são metonímias de situações: “Pilhas de malas são pilhas de almas, são montes de lama.” Observe-se que mala, alma e lama são anagramas, o que acentua no nível da escrita a idéia de intercâmbio, de trânsito, de caminho, de deslocamento, do ir e vir, da relativização de limites que caracteriza a

¹¹ (TELLES, Op. cit. p.42).

¹² AUGÉ, Op. cit. p.82

sociedade atual. Assim, ao lado dos migrantes transregionais, unindo sul e norte do país, estão os transnacionais, relativizando e/ou ratificando, ao mesmo tempo, os conceitos de exclusão e globalização. Assim como correntes de tecnologia atravessam as fronteiras de países, também correntes de excluídos o fazem. Embaralhando as diferentes correntes, os textos fazem mover o olhar do leitor de uma para outra sem descanso.

Vale lembrar que, ao se discutir a situação dos excluídos na sociedade atual, os sociólogos refletem sobre sua animalização ou coisificação, como se pode observar em Bursztyn¹³. Nesse contexto, a exclusão levaria a uma dessemelhança entre os seres humanos, que se transformaria em diferença biológica. Na abordagem de Bonassi, embora se possa perceber tal premissa, processa-se seu desmanche, porque aqueles que se crêem em situação superior não escapam da coisificação e/ou animalização, que, de resto, marca as relações sociais.

Ressalte-se mais uma vez, no entanto, que isso não significa a solução dos conflitos ou seu mascaramento, antes o trânsito por diferentes paisagens permite diferentes olhares, ora convergentes, ora divergentes. Mas essa relevância dada aos detritos, à força da ruína, própria dos lugares pobres, alcança outros segmentos sociais: “gosmentos de vergonha das suas sujeiras, os engenheiros cobrem o Tamanduateí com placas de concreto.” O possessivo “sua”, referente às sujeiras, acolhe tanto o rio como os engenheiros, sobretudo se se pensa na construção da “auto-estrada moderníssima”, ponte sobre o lixo. O lixo encoberto não se conforma dentro dos limites que lhe são estabelecidos, o que indicia os conflitos escamoteados e/ou ignorados.

Volta-se à idéia discutida por Piglia; o conto seria, pois, uma iluminação instantânea, mas não nos leva a uma verdade secreta, antes ao simulacro, que borra as margens entre o vivido e o

¹³ Bursztyn, Marcel (Org.) No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 8

representado, mostrando que tudo está na superfície rizomática, à flor da página, literária, histórica, social, política e/ou mítica.

O fragmento 038 – “mentindo sinceramente” sintetiza com propriedade esse jogo de representação e exposição, remetendo, de resto, ao próprio mecanismo dos textos de Bonassi. Isso porque, a partir do título, discute-se o valor do documento na escrita da história. O álbum de fotografia de William, “verdadeiro documento”, é desmanchado e remontado na construção de sua identidade: “Agora mostra o álbum e diz que são seus próprios antepassados. Pra cada um inventa uma história. Afinal todos acabam inventando uma história e, dessa forma, pelo menos, William acredita estar mentindo sinceramente. (Münster – Alemanha – 1998)”. A relação entre memória e foto inclui a imagem/escrita, documento montado de uma história de um indivíduo, de uma família, de um país, na construção de identidades múltiplas.

Dessa forma, o conto não conta duas histórias, mas muitas, tantas quantas são possíveis conexões em rede móvel. Se se rompe o continuum da história, na perspectiva benjaminiana, rompe-se o continuum da espécie literária, atomizada, mas em rede. Cada fragmento é um caco de história e da História, o que não invalida nenhuma das duas, antes insere-as em suas tradições e com elas dialoga, deslocando-as.

Em artigo recente, Piglia, retomando Calvino, postula o que seria a sexta proposta para o novo milênio: “la distancia, el desplazamiento, el cambio de lugar. Salir del centro, dejar que el lenguaje hable también en el borde, en lo que se oye, en lo que llega de otro”¹⁴.

Piglia, postulando que o escritor busca uma outra enunciação que ajuda a narrar, recorre mais uma vez a Rimbaud, e diz que “la literatura sería el lugar en el que siempre es otro el que

¹⁴ PIGLIA, Ricardo. Uma proposta para el nuevo milênio. *Margenes/Margens*. Caderno de Cultura, n.2, p.1 – 3, outubro, 2001.

viene a decir. “Yo soy otro”. E preconiza que é através da presença desse outro que se passa da mera informação à experiência¹⁵.

No caso dos textos de Bonassi, mais do que a duplicação do ato de enunciar, como se viu, tem-se sua pluralização e, justamente, aquilo que aparece como mera informação, marcada pela enumeração exaustiva, ganha estatuto de experiência coletiva, impossível de ser nomeada. Coletiva porque envolvendo enunciadores vários, inclusive o leitor, que passa de espectador a participante, na organização do álbum de retratos, que lhe confere uma identidade vicária, ou viajante, no trânsito pelas radiais e/ou pelas rodoviárias. Nesse sentido, também as fronteiras entre o literário, o histórico e o político-social se fazem móveis, relativizando classificações textuais predeterminadas.

Como os relatos 048 e 049, lado a lado e em seqüência, no livro, mostram diferentes muros: o dos condomínios fechados e os do Carandiru, além das relações de poder que envolvem, o livro de Bonassi opera com fragmentos e cacos, movendo limites e, como grande parte da narrativa contemporânea, exibe-se como fragmento, a impossibilitar a unidade harmônica e uniformizadora, ou dicotomias excludentes e simplificadoras.

Daí que valha como um passaporte, que permite a travessia de fronteiras e não seu borramento. As fronteiras existem, não há como idealizar o fim da diferença entre centros e periferias, o que se pode é buscar a validação de passaportes que permitam o trânsito dos cidadãos. Resta saber quantos terão acesso a ele: o texto literário e o documento.

¹⁵ A esse respeito não se pode deixar de evocar Silviano Santiago com seu ensaio “O narrador pós-moderno”, em que justamente postula que este faz (vi)ver a experiência do outro. Cf. SANTIAGO, Silviano. Nas malhas das letras. São Paulo: Companhia das Letras, 1988)